

O DRAMA E O LÍRICO EM DOIS POEMAS DE FLORBELA ESPANCA

Márcia Dos Santos BALIEIRO¹ (UFPA)

Sandra Maria JOB² (UFPA)

RESUMO: A poetisa portuguesa Florbela Espanca instiga seu leitor a mergulhar em uma fascinante viagem por sua obra que é recheada de um intenso lirismo muito próximo do paroxismo o que pode ser entendido como uma tendência para o drama. Assim, o corpus em evidência buscará identificar através de elementos linguísticos os aspectos líricos e dramáticos em dois poemas de Florbela Espanca. Esta análise será norteada pelos pressupostos teóricos de Emil Staiger (1997), entre outros estudiosos que abordam as temáticas em questão.

Palavras-chaves: Florbela Espanca. Lirismo. Drama. Literatura Portuguesa.

Todas as prendas que me deste, um dia,
Guarde-as, meu encanto, quase a medo,
E quando a noite espreita o pôr-do-sol,
Eu vou falar com elas em segredo...

E falo-lhes d'amores e ilusões,
Choro e rio com elas, mansamente...
Pouco a pouco o perfume da outrora
Flutua em volta delas, docemente...

(...)

(ESPANCA, 2002, p. 05)

A poetisa portuguesa Florbela Espanca instiga seu leitor a mergulhar em uma fascinante viagem por sua obra, que é recheada de um intenso lirismo exacerbado. E a intensidade desse lirismo pode ser entendido como uma tendência para o drama. Assim, o corpus em evidência focalizará o lirismo e, concomitantemente, passará pelo aspecto dramático presente nos poemas florbelianos. Esta análise será norteada pelos pressupostos teóricos de Emil Staiger (1997), entre outros estudiosos que abordam as temáticas em questão.

Para maior organização do texto, o mesmo, em primeiro momento, discorrerá sobre lirismo, em seguida, sobre drama para, posteriormente, detectar através da análise de poemas a presença do lírico e do drama nos respectivos sonetos: “Eu” e “À morte”. Antes, contudo, cabe um breve parêntese para discorrer sobre Florbela.

Esta autora encanta o leitor que se debruça sobre seus textos, que, na maioria, das vezes canta o amor de forma dolorida. Mas ela não canta somente o amor, pois vai do amor, passando pelo desejo, erotismo, solidão, tristeza e morte... chegando até a natureza. Segundo Carrol (1997, p. 137 apud GIAVARA. 2012, p. 07), no que se refere à natureza, ela representa “algo mais que objeto

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará.

² Professora doutora titular da UFPA Campus - Breves.

por que se manifesta amor” é a fonte onde a poetisa extrai “parte dos símbolos que utiliza” para construir a própria identidade e, na simbologia desses elementos naturais, as árvores aparecem como símbolo de vida, sobretudo quando florescem.

Para Moreira (2009), a criação poética de Espanca transforma a mágoa, a dor o sofrimento de viver numa verdadeira liturgia da paixão, na qual o “eu” é o centro, que se encontra frustrado em seu desejo ou necessidade. Ela expressa, ainda de acordo com Moreira, em essência, a paixão que alimenta por si mesma e a dor de não ser reconhecida por sua grandeza. Ou seja, nos seus poemas, Florbela canta o amor que sente por ela mesma e canta também sua tristeza por não ser reconhecida pelos outros poetas, pelos críticos da sua época pela obra que compôs. Mas pensar como Moreira, todavia, é simplificar uma obra de grande qualidade, é reduzir a poetisa a uma pessoa recalcada, frustrada, é reduzir a obra poética da mesma a um desabafo pessoal. Acreditamos que seus poemas expressam mais do que dores pessoais, pois lemos nos seus textos dores de todos os indivíduos solitários que buscam ser amados, buscam respeito. Vimos neles as dores individuais, pessoais, de toda uma coletividade e cantadas/expressadas com o sangue, a alma de uma poetisa ímpar na história da literatura universal.

Quanto ao que esta poetisa expressa em seus poemas, salta aos olhos os aspectos líricos, contudo, também pode se detectar alguma coisa do dramático. E, por isso, buscar esse lírico e dramático em dois poemas dela é a proposta a partir de agora.

Em se tratando do lirismo, ele é um termo que está relacionado ao poema lírico. Sendo assim, antes de tentar definir o que seja o lirismo há que se falar sobre o gênero lírico.

O gênero lírico surgiu, de acordo com Santana (s.d.), no período medieval, a partir de uma modalidade poética que era cantada e executada ao som de instrumentos musicais como a lira, daí a origem da expressão “lírica”, oriunda do latim *lyricu*. Ainda de acordo com ela, houve um momento em que o conteúdo poético e a música se desligaram, desde então o ritmo do poema foi preservado por meio da metrificacão dos versos, ou seja, pela contabilização da quantidade de sílabas poéticas.

Os poetas líricos, após esse rompimento começaram a utilizar, como um meio de conservar a musicalidade do poema, recursos como certos vocábulos, aliterações (repetições das mesmas letras), sílabas ou sons numa frase e rimas com a finalidade de cultivar sons de alta qualidade, estruturados na forma de ritmos e melodias que se alteram sucessivamente.

Dentro da lírica, segundo Santana (s,d) existe um elemento fundamental, sem o qual não se poderia expressar as emoções mais subjetivas, as condições da alma, os pensamentos, os sentimentos profundos. Trata-se do “eu-lírico”, uma entidade fictícia distinta do autor, peça chave no discurso poético. Para Aguiar,

A poesia lírica não nasce do anseio ou da necessidade de descrever o real que se estende perante o eu nem de criar sujeitos independentes do eu do poeta lírico”, antes a “lírica enraíza-se na revelação e no aprofundamento do próprio eu”, ou seja, na exploração da

interioridade do poeta. Assim, as descrições não têm a função de compor uma “visão plástica” do mundo exterior, mas sim de suscitar o “estado de alma” de poeta. (In: GIAVARA 2012, p.8 apud SILVA, 1991, p.227).

Staiger (1997, p. 122), por sua vez, assevera que o tom lírico ou o

derramar-se lírico” implica em um movimento interno, velado, pelo qual o poeta encarcera-se em si mesmo e desvenda a sua interioridade através de uma atitude isolada, somente percebida pelo próprio leitor através da “disposição anímica”, que permite o reconhecimento do conteúdo lírico como uma verdade totalizadora e indiscutível.

Ainda de acordo com Staiger (1997), “o lírico derrama-se em nosso íntimo como substância fluída, diluindo o que estava firme, levando nossa existência em seu curso. A ação quase não se nota, é interior; pressupõe a simpatia de uma alma igualmente disposta [...]” (STAIGER, 1997 p.122).

Em suma o eu lírico é uma espécie de mediador de todas as subjetividades, sensações e percepções do poeta, pois é em sua essência que o poeta se camufla, se “embriaga” e se inspira para transcenderem seu fazer poético.

No que tange ao drama, Salvatore (2003), salienta que a poesia dramática concentra-se na síntese da poesia épica e da poesia lírica. Ou seja, o drama reúne a objetividade da epopeia com o princípio subjetivo da lírica, ocupando o justo meio entre a extensão da épica e a concentração da poesia lírica. Dessa forma, na poesia dramática, é possível encontrarmos elementos tanto do gênero épico (narração de acontecimentos passados, relatos descritivos de batalhas) como elementos do gênero lírico (expressão dos sentimentos das personagens).

A essência da arte dramática para alguns pesquisadores, segundo Salvatore (2003), centra-se no princípio do conflito, no choque entre vontades distintas, na colisão entre os diferentes objetivos dos personagens. Tais conflitos geram constantemente surpresa e tensão, tensão esta, fortemente, perceptível através do diálogo característica marcante da arte dramática.

Já Staiger (1997), afirma que uma das características responsáveis pelo “estilo de tensão” do drama é o *pathos* palavra de origem grega que significa paixão. Tal característica Aristóteles (apud STAIGER,1997), denomina como representação ou o despertar das emoções humanas através de um discurso ou de uma obra poética. O *pathos* ou paixões humanas é o responsável pela aceleração do campo emocional que, por sua vez, desperta o teor lírico que transcende para o patético e, por fim, mesclando-se e transformando-se um no outro. Por esta razão, Staiger (1997), aponta que os:

Gregos relacionam o *pathos* com as “paixões humanas”, responsabilizando-o, portanto, pelo estilo de expressão na exaltação emocional. Dessa forma, “o *pathos* foi assim, não raras vezes considerado como gênero lírico, até certo ponto com razão, pois que o patético e o lírico transformam-se, com frequência, um no outro [...]” (STAIGER, 1997, p.121).

Ainda de acordo com Staiger (1997), o discurso induzido pelo *pathos* é marcado por algumas particularidades estilísticas que garantem a capacidade de entranhar-se de forma vibrante

na alma do leitor. Entre essas particularidades o autor destaca a necessidade de um “ouvinte” que deve ser emparelhado ou emocionado pelos argumentos patéticos, cujo teor despertam a união emocional. Para tanto, tal tipo de discurso requer a presença do “outro”, pois somente o “eu” não é bastante na situação comunicativa, determinando uma linha persuasiva entre ambos, e, conseqüentemente, diminuindo a distância entre o leitor e a obra.

Neste contexto, é válido enfatizar que o amontoado de vozes presentes nos poemas florbelianos, segundo Pereira (1985, p.33 apud GIAVARA 2012, p.03), nos colocam como expectadores do desenrolar do drama interior da poetisa que faz questão de esclarecer, seja pelo tom confidente de seus versos, seja pelo modo como mostra sua identidade poética. Mais do que isso Giavara (2012), acredita que é possível supor que esse mundo recheado de vozes com as quais o eu poético dialoga é o meio pelo qual a poetisa diminui a sua solidão.

Posto tudo isso, partiremos agora para a investigação proposta para este trabalho: buscar através de elementos linguísticos o aspecto lírico e dramático em dois poemas de Florbela. O primeiro é

Eu

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida! ...

Sou aquela que passa a ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

Em se tratando do lírico, expresso por um eu-lírico feminino, como pode ser observado já no primeiro verso “eu sou a que no mundo anda *perdida*”, o mesmo (lírico) está presente em todos os catorze versos do poema, pois em cada um deles está expresso a subjetividade do eu-lírico. É de um eu interior, individual, egocêntrico que o eu-lírico canta. Isso não quer dizer que o leitor não possa compartilhar e/ou se identificar com o que o eu-lírico sente/passa. O que queremos dizer é que é presente é marcante a subjetividade, a interiorização do eu-lírico que ultrapassa mente, corpo para chegar às profundezas mais profundas da alma do eu-lírico. Alma que é desnudada, aberta para possível leitor. E como o lírico é caracterizado por, entre outros aspectos, “uma voz- quase sempre um ‘Eu’” que exprime “seu próprio estado de alma. No poema lírico existe sempre um eu que se expressa, criando, assim, o subjetivismo característica marcante desse gênero” (ROSENFELD

1965, p. 5 apud CUNHA, 1979, P.1), no poema acima, o lírico, então, já está presente, na verdade, no próprio título “Eu”. Os demais versos seriam, portanto, apenas a concretização, a expressão do lírico que “não tem norte”; “aquela que passa e ninguém vê”.

Enfim, no poema acima existe um eu-lírico que expressa, de forma contundente, sua interiorização, em um texto breve, ao qual denominamos de poema, e que, devido a essa subjetividade, essa interiorização, consideramos lírico.

No que tange ao aspecto dramático, partindo do pressuposto que a essência da arte dramática centra-se no princípio do conflito, no choque entre vontades distintas, na colisão entre os diferentes objetivos dos personagens Salvatore (2003), tem-se no poema “Eu” traços linguísticos que podem nos possibilitar dizer que o mesmo é carregado de dramaticidade, visto que existe nele esse “conflito”. No caso, o conflito é de cunho interior. O eu-lírico está em conflito consigo mesmo, pois ele é alguém que não existe, já “que passa (e) ninguém vê”. Tal conflito gera surpresa e tensão. Pois o lirismo do eu-lírico é tão pulsante que o leitor fica tenso na expectativa de, nas entrelinhas e/ou no verso seguinte que não tem, alguém finalmente a encontre.

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

Para Staiger (1997), como já foi visto, uma das características responsáveis pelo “estilo de tensão” do drama é o *pathos* palavra de origem grega que significa paixão, que nada mais é que o despertar das emoções humanas através de um discurso. Despertar esse que a tensão presente no poema desperta no leitor. É tão alta e intensa a carga emocional advinda do discurso do eu-lírico que o leitor torna-se parte do mesmo e vice-versa, assim como a plateia vive com os atores no palco.

Para Rosa (1997, p.240 apud GIAVARA 2012, p.03), o drama é uma característica da personalidade poética de Florbela, pois quer seja na vida, quer seja na obra, o teor “teatral encontra-se à flor dos escritos e da personalidade de Bela [...] o teatro, como metáfora da condição humana, e da sua experiência pessoal em particular prevalece como boia sinalizadora em toda extensão de sua obra”.

Quanto ao segundo poema a ser analisado, trata-se de

À morte

Morte, minha Senhora Dona Morte,
Tão bom que deve ser o teu abraço!
Lânguido e doce como um doce laço
E como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte
Tua mão que nos guia passo a passo,

Em ti, dentro de ti, no teu regaço
Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte dos dedos de veludo,
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me as asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,
Má fada me encantou e aqui fiquei
À tua espera... quebra-me o encanto

Neste poema em questão, de novo tem-se um eu-lírico feminino, “[...], sou *filha* de rei”, é diferentemente do outro, o lírico não vem tão explícito. Ele se camufla, pois traz à tona a personagem da morte e o eu/a subjetividade/ a interiorização do eu lírico, de forma mais gritante, só se revela no segundo verso da terceira estrofe “Fecha-me os olhos que já viram tudo / Prende-me as asas que voaram tanto!” e nos três últimos versos da última estrofe. O lírico, nesses versos, revela, através dos aspectos linguísticos, o interior de um eu-lírico extenuado psicologicamente, tanto que deseja (e espera com certa ansiedade) à morte, pois confessa estar “a sua espera”. A morte, para esse eu-lírico é uma amiga, a salvação, tanto que dedica seu soneto a ela – “À morte”. Mas mesmo sendo uma amiga, o eu-lírico a respeita, pois a chama de “minha Senhora Dona Morte”. Contudo, não a teme, pois “tão bom que deve ser o teu abraço! / Lânguido e doce como um doce laço / E como uma raiz, sereno e forte”.

Ainda no que concerne ao eu-lírico feminino, sobre essa função estruturante do elemento feminino na poesia de Florbela, Melo (2009 apud p.2 RECTOR, 1999, p.12), assevera “o processo de conscientização do textual da feminilidade constitui, a nosso ver, o fio condutor da auto-formação do eu lírico de Florbela. E, enquanto agente de criação poética, as suas coordenadas definem-se em grande medida, através do comprometimento intertextual em que a sua obra repetidamente se coloca”.

Muito embora o eu - lírico não esteja transparente como no primeiro soneto, isso, porém, não nos dá margem para acreditar na inexistência do lírico dentro do segundo poema. Por mais que, o eu- lírico pareça camuflado, sua presença é perceptível através de traços marcantes do aspecto lírico, tais como: subjetividade e interiorização do eu. Além disso, Klauck (2009, p.02), destaca que a linguagem da poesia não preza pela clareza ou por uma comunicação direta. Ela envolve esquema e elementos que estão além da linguagem cotidiana; tampouco ela se preocupa com a lógica e a coerência da comunicação comum, mais sim com a convergência da significação através de elementos diversos, ainda que isso signifique obscurecer o sentido para ampliá-lo.

É fato que para dar amplitude ao poema o eu-lírico teve que surgir de forma implícita e camuflada, para que, assim, a morte pudesse ser uma personagem destaque do soneto. Tal estratégia é bem perceptível já na primeira estrofe do poema:

Morte, minha Senhora Dona Morte,
Tão bom que deve ser o teu abraço!
Lânguido e doce como um doce laço
E como uma raiz, sereno e forte.

Em relação ao dramático, encontramos novamente a presença de um conflito interior, pois o eu-lírico encontra-se desmotivado com sua existência, acredita que seus olhos, e entenda-se por olhos, uma metáfora para vida, “já viram tudo!” e que já viveu e fez muitas coisas, pois já “voaram tanto!”. Extenuado, portanto, abraçar a morte seria sua salvação, uma espécie de escape para suas frustrações, já que ele a tem como uma amiga. A carga emocional advinda do eu-lírico é tão acentuada que de imediato o teor patético do leitor é ativado, fazendo com que ele fique na esperança que o eu - lírico encontre outros meios para superar suas dores e revigorar sua existência, pois,

A arte dramática tem várias perspectivas ideológicas: o espectador fica sabendo dos fatos através das falas das personagens, cada qual expondo idéias e sentimentos do seu ponto de vista, geralmente em conflito com as demais personagens[...] o dramático visa o *futuro*: expõe a problemática dolorosa de uma situação existencial com o fim de estimular a mudança do *status quo*. Toda boa peça provoca no espectador a reflexão sobre a bondade e a eficácia dos valores ideológicos impostos pela sociedade. Demonstrando que tais valores são falsos e hipócritas, pois não conseguem proporcionar felicidade ao homem, o drama sugere a mudança de costumes e comportamentos (SALVATORE, 2003, p.127).

É a partir desse contexto que o leitor fantasiosamente reconstrói um cenário, vivenciando seres fictícios e criando uma suposta realidade. Que Moisés (1997, p.127 apud GIAVARA, 2012), descreve como: tudo passa como se, em verdade, tivéssemos de imaginar, no diálogo lido, o diálogo travado entre seres de carne e osso, apontados no texto como virtualidade à espera do chamado à vida.

Em síntese as viagens pela obra florbeliana proporciona uma verdade incontestável: que seu arsenal poético desponta para uma personalidade tão lírica quanta dramática. Consequência, talvez, de um lado, da força com que o eu-lírico sente a vida/o amor/a tristeza... e, por outro, consequência do conflito que tais sentimentos intensos vibram dentro desse eu - poético, fazendo com que os mesmos ganhem um tom dramático, posto que tensos.

Na conjunção do drama e do lírico, o eu - lírico provoca o leitor e divide com ele o seu drama e o seu lirismo - na mesma medida -, fazendo-nos apaixonar por ele, se condoer dele, ir nas profundezas do seu drama. Sentir na pele a tristeza dele (eu - lírico) ao ler sua solidão, seu vazio ao reconhecer que ele é aquele que passou pela vida, mas ninguém viu, nem amou, e já é tarde para mudar isso, pois o drama chegou ao fim e as cortinas da ribalta já se fecharam para ele.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Helena Parente da. Os gêneros literários. In.: *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. 3. ed. Col. Biblioteca Tempo Universitário 42. (p. 97-106).

ESPANCA, Florbela. Poemas selecionados. In *Cirbefil Literatura Digital* 2012. Disponível em: <<http://vialacteliteratura.blogspot.com.br/2009/10/o-lirismo-sensual-de-florbela-espanca.html>> acesso em 10/12/13.

GIAVARA, Suilei Monteiro. Lirismo e drama em florbela espanca. In: *Revista Desassossego* sete de junho de 2012.

KLAUCK, Ana Paula. Reflexões sobre o estilo lírico: uma análise de poema na perspectiva de Emil Staiger. In: *Revista eletrônica de crítica e teorias de literaturas*. Artigo da seção livre. PPG-LET-UFRGS-Porto Alegre-Vol. 05 N.01- jan/jun 2009. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/literatura/genero-lirico/>> acesso em 27/01/14.

MELO Cristina. Imagens do feminino em Florbela Espanca. O marrare - *Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ*. n 10. 2009. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero10/cristina.html>> acesso em 10/12/13.

STAIGER, Emil. *conceito fundamental da poética*. 3ª edição Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.